Relações entre Tecnologia e Sociedade: contribuições de Ortega Y Gasset.

José Rogério Vitkowski (UEPG) [1]
Edson Jacinski (UTPR) [2]

Abundante literatura demonstra que vivenciamos um processo histórico de profundas mudanças provocadas pelas transformações tecnocientíficas que povoam os múltiplos espaços e dimensões da existência humana. Compreender os fenômenos que se dão nessa complexa rede não é tarefa simples e demanda um esforço de produção conceitual que pode se dar por meio da visita à pensadores clássicos que se dedicaram a pensar o fenômeno da técnica e suas infindáveis dobras, desdobras e agenciamentos. Um pensador vanguardista é o espanhol Ortega Y Gasset (1883-1955), Por ocasião dos 60 anos de sua partida prestamos-lhe homenagem, trazendo a tona alguns fotogramas de seu pensamento sobre a questão da técnica, não tanto para explicá-los, mas para fazê-los cintilar caleidoscopicamente enquanto pontos de referência na criação de campos de problematização em diferentes áreas do conhecimento.

Ortega y Gasset, escreveu um conjunto expressivo de textos , designado pelo nome de "Meditação sobre a Técnica", no qual ele dá ao público o resultado de um curso desenvolvido no ano de 1933, na Universidade de Verão de Santander, então recém-inaugurada[3].

Nas primeiras palavras do texto citado Ortega y Gasset (1991, p. 5), enfatizava que um dos temas que "nos próximos anos será debatido com maior brio é o do sentido, vantagens, danos e limites da técnica". Tinha razão o filósofo, pois não foram poucos os pensadores que se debruçaram sobre o tema, perguntando-se recorrentemente, "o que é a técnica"?

Nos primeiros parágrafos o filósofo argumenta sobre a relação homem-natureza e as condições necessárias para a vida humana. Aqui a noção de necessidade transborda para além daquilo que habitualmente se compreende como necessidades vitais, isto é, comer, beber, vestir-se, locomover-se, dentre outras. Esse repertório de atividades que o ser humano possui

[1] Dr. José Rogério Vitkowski, Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) e-mail jrvitkowski@gmail.com.
[2] Dr Edson Jacinski , Universidade Tecnológica do Paraná (UTFPR) ejacinski@gmail.com.
[3]No prólogo Ortega esclarece que o curso foi concebido para fins estritamente acadêmicos, daí seu caráter de incompletude, todavia, mesmo não representando um trabalho concluído, ele decidiu publicá-las em 1939, em Buenos Aires, com o formato de pequeno livro, motivado por pendengas editoriais.

naturalmente são evidentemente condições necessárias para viver, todavia, estas necessidades são condicionais, isto é, estão a serviço do viver, não existem por si próprias. A vida humana não coincide, ao menos totalmente, com o quadro de suas necessidades orgânicas, como ocorre no mundo animal. O autor esclarece (1991, p. 7) que "viver é a necessidade originária da qual todas as outras são meras conseqüências". E acrescenta ainda que "a vida é a necessidade das necessidades". Ao fazer contraste entre as diferenças entre o homem e os demais seres, ele sublinha que o homem pode distanciar-se de sua própria natureza, desvinculando-se provisoriamente das necessidades básicas que o acompanham; distanciando-se delas, pode entregar-se a outras ocupações que não sejam sua imediata satisfação. Nesse movimento é que o homem inventa e executa um repertório de atos que lhe permitem fazer o fogo, uma casa, cultivar o campo, ou construir um automóvel. Esses atos modificam ou reformam a circunstância ou natureza, conseguindo "que nela exista o que não existe aqui e agora, quando se necessita, seja o que absolutamente não existe". O conjunto desses atos técnicos específicos é a técnica, definida pelo pensador como "a reforma que o homem impõe à natureza em vista da satisfação de suas necessidades". E, logo adiante acrescenta "A técnica é pois, a reação enérgica contra a natureza ou circunstância, reação essa que leva a criar entre a natureza ou circunstância e o homem uma nova natureza, posta sobre aquela, uma sobrenatureza". (ORTEGA Y GASSET, 1991 p. 12) É assim pois, que o homem se empenha em encontrar ao seu redor aquilo de que precisa, adaptando o meio existente ao sujeito, e não apenas adaptando-se ao meio.

Inevitavelmente surge agora outra pergunta: afinal, de que o homem necessita, ou é considerado necessário? A técnica não se limita a satisfazer as necessidades biológicas, ou orgânicas, mas vai muito além. Explica o autor que tão antigos quanto os inventos de utensílios e procedimentos para esquentar-se, e alimentar-se, há outros procedimentos cuja finalidade não se limita à noção de necessidade no sentido estrito. Exemplos disso, nos povos primitivos, é a procura pelos efeitos da embriagar-se, de distintas formas. Daqui, surge o transbordamento conceitual de "necessidade humana" que engloba, tanto o objetivamente necessário, quanto o supérfluo. E mesmo que essa distinção traga dificuldades, o autor deduz que "o empenho do homem em viver, em estar no mundo, é inseparável de seu empenho em estar bem [...] O bem–estar e não o estar é a necessidade fundamental do homem, a necessidade das necessidades" (ORTEGA Y GASSET, 1991 p.15s).

O pensador espanhol, considera um certo caráter paradoxal nesse "estar-bem" todavia, insiste de que o homem é um animal para o qual o supérfluo se apresenta como necessário; ou seja bem-estar no mundo e a "superfluidad" caminham juntos. E isso é importante para se

compreender a técnica. Ela é assim compreendida: "a técnica é a produção do supérfluo: tanto hoje como no período paleolítico. É certamente o meio de satisfazer as necessidades humanas". Nesse sentido, o animal para existir não precisa da técnica, pois contenta-se em viver com o que é objetivamente necessário para o simples existir. Mas não para o homem, pois para ele existir, pressupõe, bem-estar. Por isso, o homem é "a nativitate técnico criador do supérfluo. Homem, técnica e bem-estar são, em última análise sinônimos". (ORTEGA Y GASSET 1991, p. 17)

Surge aqui outra interrogação referente ao significado de 'bem-estar'. O autor, faz considerações de que há mil variantes para defini-lo, por isso mesmo, o bem-estar é um ponto de chegada, sempre móvel, ilimitadamente variável. Se a técnica é o repertório de atos provocados e inspirados no sistema de necessidades, ela é também uma realidade proteiforme, em constante mutação. Isso permite dizer que é vã a atitude que pretende estudar a técnica como uma entidade independente, ou como se estivesse determinada por um vetor único e previamente conhecido. Não há assim, um único desideratum, nem mesmo na ideia linear do progresso, julgada prejudicial quando empregada sem críticas. Pois supõe que o ser humano quer e insistirá em querer sempre a mesma coisa.

Ortega, continua esse alerta, sobre os perigos de uma noção fixa ou inalterável de técnica associada ao bem-estar. Basta uma mutação de certo porte, para que a técnica se desconjunte e enverede por rumos questionáveis e coloquem a cultura em perigo. Para o autor, a técnica atual, mesmo embasada nas ciências, dá garantias ilusórias de superioridade histórica.

Interessante frisar que o filósofo aborda a relação entre a técnica e a economia de esforços que ela proporciona. A técnica traz essa dimensão de um esforço que para poupar esforço, ou seja, é o que se faz para evitar, por completo ou parcialmente os que-fazeres que a circunstância nos impõe. Aqui surge a pergunta: onde vai parar esse esforço economizado e que fica ausente? Se o homem se libera de quefazeres impostos pela natureza, o que ele vai fazer, com os que–fazeres que vão ocupar sua vida?[4] Essa questão é entendia como nuclear, no interior da própria técnica e refere-se à invenção da vida. Um trecho do autor esclarece :

> Zoologicamente, vida significa tudo o que o homem tem de fazer para sustentar-se na natureza. Mas o homem se organiza de modo a reduzir ao mínimo essa dimensão de vida, para não que fazer o que o animal tem de

[4] Curiosamente o filósofo faz uma rápida referencia a Keynes e a possível redução da jornada de trabalho, ainda com dimensão futurista, na qual os trabalhadores iriam dedicar-se ao trabalho apenas quatro dias semanais.

> fazer. No vazio que a superação de sua vida animal deixa, o homem se dedica a uma série de que-fazeres não biológicos, os quais não lhe são impostos pela natureza, os quais ele inventa por si mesmo. E é precisamente essa vida inventada, inventada como se inventa uma novela ou uma obra teatral, que o homem chama de vida humana, de bem-estar. (ORTEGA Y GASSET, 1991, p. 25).

Centauro ontológico.

No afã de penetrar no universo humano e o da técnica, o pensador espanhol convida para uma visita ao que denomina 'subsolo da técnica'. Aqui se evocam interessantes argumentos ontológicos.

O autor propõe a pensar que o homem no universo é um ente, que se vê obrigado, se quiser a existir a estar em outro ente, o mundo ou a natureza. E após examinar as condições da natureza que não oferece apenas puras facilidades (pois haveria coincidência plena entre o ser do homem e do mundo), nem tampouco apenas dificuldades (que o ser do homem e do mundo fossem totalmente antagônicos). Ocorre efetivamente que o homem ao estar- no-mundo, defronta-se com o fato de que o mundo a seu redor é uma intricada rede, tanto de facilidades como de dificuldades (há no mundo coisas que não são potencialmente nem uma coisa, nem outra). De acordo com Ortega y Gasset esse fenômeno radical (1991, p. 29) " talvez o mais radical de todos, ou seja, que nosso existir consiste em estar rodeado tanto de facilidades como de dificuldades, dá seu especial caráter ontológico à realidade a que chamamos vida humana, ao ser do homem".

Argumenta o autor, que se o homem não encontrasse "facilidades", estar no mundo lhe seria impossível. Todavia as dificuldades colocam a possibilidade de existir constantemente negada, estorvada, posta em perigo. Assim ele propõe que a existência humana, seu estar no mundo, não é passiva. Uma passagem do texto elucida essa questão:

> à pedra é dada pronta sua existência, ela não tem de lutar para ser o que é: pedra na paisagem. Mas, para o homem, existir é ter que combater incessantemente contra as dificuldades que o entorno lhe oferece: por conseguinte, é ter de fazer, a cada momento, sua própria existência. Diríamos, pois, que ao homem é dada a abstrata possibilidade de existir, mas não lhe é dada a realidade. A realidade ele a tem de conquistar minuto após minuto: o homem não apenas econômica, mas metafisicamente tem de ganhar a vida. E tudo isso por quê? [...] porque o ser do homem e o ser da natureza não coincidem plenamente (ORTEGA Y GASSET, 1991 p. 29)

É essa condição de vinculação e de não vinculação à natureza, que faz do homem uma espécie de centauro ontológico, cuja metade está imersa na natureza e outra trancende-a. O

que o ser humano tem de natural se realiza por si mesmo, e não é problema, mas o que é extra-natural, depende da dimensão projetiva do homem denominada pelo autor de ‘ programa imaginário’ (o que ainda não é, mas que aspira a ser) .

Essa condição do ser humano, faz dele próprio, algo de singular. “um ente cujo ser consiste não no que já é, mas no que ainda não é, um ser que consiste em ainda não ser”. Desse modo, no mundo da natureza prevalece uma ontologia da coincidência entre ser e coisa, enquanto no mundo humano isso não se dá efetivamente. Isso leva Ortega Y Gasset (1991, p. 30) a afirmar que “o homem não é uma coisa, mas uma pretensão, a pretensão de ser isto ou o outro. Cada época, cada povo, cada indivíduo modula de forma diferente a pretensão geral humana”.

Na sequencia imediata do texto, o filósofo convida então a compreender o fenômeno da radicalidade da vida e da existência. Merece também destaque essa passagem:

> Existir, é para nós, nos descobrir de imediato e tendo de realizar a pretensão que somos em uma determinada circunstância. Não nos é permitido escolher de antemão o mundo ou a circunstância em que temos de viver, mas sim constatar que nos encontramos, sem nossa própria anuência, submersos em um contorno, em um mundo que é o aqui e agora. Esse mundo ou circunstância em que me encontro afundado não é só a paisagem que me envolve, mas é também o meu corpo e também a minha alma. [...] a pretensão ou programa que somos oprime com seu peculiar perfil o mundo circundante, e este responde àquela pressão, aceitando-a ou resistindo-lhe, ou seja, facilitando nossa pretensão em uns pontos e dificultando-a em outros. (ORTEGA Y GASSET 1991, p.. 31)

Desse modo, a noção de natureza, ou circunstância, não é senão o sistema de facilidades e dificuldades com o qual o homem se defronta e que se relaciona diretamente à pretensão humana de ser isto ou aquilo, diferentemente em cada tempo, e em cada época.

Desse modo, para o ser humano a vida, consiste em um problema, enquanto para os demais entes do universo, existir não o é (porque existência deve significar realização de uma essência.). Existir para o homem, não é existir, sem mais nem menos, como ser que é, mas é mera possibilidade. Assim, o Ortega y Gasset conclui que (1991, p. 33)

> nossa vida é pura tarefa e inexorável que-fazer. A vida de cada um de nós é algo que não é dado pronto, presenteado, mas algo que se tem de fazer”. E esse que-fazer, insiste o autor, não é uma coisa, mas algo ativo, num sentido que transcende todos os demais. No caso dos outros seres, supõe-se que alguém ou algo que já é, atue; Mas para o homem ser, tem-se que atuar. Uma instigante frase do autor surpreende e sublinha que o homem se encontra na situação do técnico: “o homem, queira ou não, tem de fazer-se a si mesmo, autofabricar-se” (ORTEGA Y GASSET, 1991, p. 34)

O autor destaca, a seguir, que a vida não é contemplação, mas sim produção, fabricação, e porque essas circunstâncias o exigem, ela é também teoria e ciência. A vida é

assim a descoberta dos meios para se realizar o programa que se é. A natureza se apresenta como a matéria-prima e como máquina possível, máquina oculta que encerra para servir a si mesmo. Nesse ínterim o autor dirá que é um erro crer que o homem é tão somente um animal casualmente dotado de talento técnico. Ocorre o contrário, porque o homem, tem uma tarefa muito diferente da do animal, uma tarefa extranatural, na qual deve entregar-se para realizar seu ser no mundo. Outro texto elucidativo, nos remete à compreensão da gênese da técnica. De acordo com Ortega y Gasset (1991 p.35)

> Eis aqui porque o homem começa quando começa a técnica. O espaço menor ou maior que esta abre para o homem na natureza é o alvéolo onde ele pode alojar seu excêntrico ser. Por isso, [..]o sentido e a causa da técnica estão fora dela. Ou seja, no emprego que o homem dá às energias que lhe sobram, energias economizadas pela técnica. A missão inicial da técnica é esta: dar liberdade ao homem para ele poder entregar-se a si mesmo.

Na continuidade do raciocínio, o autor dirá que todas as ações humanas que têm recebido ou merecem especialmente o nome de técnicas não são mais que especificações desse caráter de autofabricação próprio do viver. Outro texto que chama atenção pela sua enfaticidade, essa ontologia da técnica:

> O fato absoluto, o puro fenômeno do universo que é a técnica, só pode acontecer nessa estranha, patética, dramática, combinação metafísica, na qual os dois entes heterogêneos, o homem e o mundo, se veem obrigados a unificar-se, de modo a que um deles, o homem, consiga inserir seu ser extramundano no outro, que é precisamente o mundo. Esse problema, quase de engenharia, é a existência humana. (ORTEGA y GASSET, 1991, p. 36)

Nesse movimento, a técnica não é, a rigor, o primeiro fenômeno. Ela vai idealizar e executar a tarefa que é a vida, que pressupõe um programa de vida, pré-técnico. A capacidade técnica do homem terá como encargo inventar os procedimentos mais simples e seguros para conseguir suprir as necessidades humanas. Isso também supõe invenção ligada ao querer ser humano, mas a invenção pré-técnica, supõe um desejo original, cuja tarefa não se apresenta evidente, nem fácil, sobretudo o desejo propriamente criador, o que postula o novo, o inexistente. Os desejos se movimentam dentro do que se pretende ser. O desejo pressupõe inventar o argumento da vida, e quando esse desejo está em crise emerge o pseudodesejo – doença básica de nosso tempo - com consequências despotencializadoras .

Considerações finais

A abordagem de Ortega y Gasset traz singularmente, no seu contexto histórico, o indiscutível mérito de colocar a questão da técnica sob a perspectiva ontológica e que será

compartilhada com grandes nomes do pensamento filosófico do século XX. Nos Estudos Sociais da Ciência Tecnologia e Sociedade (CTS) destacam-se a retomada da dimensão ontológica da ciência e tecnologia pelos pesquisadores da Teoria ator-rede (Callon, Latour, Law) ou ainda nos estudos feministas de Ciência e Tecnologia, em especial Donna Haraway. Entre outros aspectos o questionamento ontológico nos remete a problematizar as políticas que permeiam nossa condição sóciotécnica.

Ao longo da abordagem da técnica Orteguiana, desdobram sub-temas que hoje permeiam os estudos filosóficos, antropológicos e sociais, de Ciência Tecnologia Sociedade, tais como, as relações entre o natural e o cultural, o individual e o social, interno e externo e, enfim, as dicotomias que muito comumente estão presentes nas abordagens clássicas das relações ciência, tecnologia e sociedade.

Tal questão, a ontológica, se coloca como pertinente, especialmente ao considerarmos o campo movediço e intrincado da relação tecnologia e sociedade que muito comumente pode levar a reducionismos sociológicos, economicistas ou mesmo tecnológicos que abordados de forma reducionista, acabam empobrecendo nossas capacidades perceptivas e projetivas em relação ao fenômeno sociotécnico. Um exemplo disso que há tempos vem sendo problematizado nos Estudos Sociais da CTS é a polarização entre determinismo tecnológico e determinismo social. Assinalamos aqui um convite que se depreende dessa constatação: o desafio exigente e árduo exercício da atividade científica inter/multi/transdisciplinar e que se abre para a abordagem ontológica como participante da tarefa do pensar criativamente a ação humana e, em sintonia mais ampla com Ortega, em cada circunstância.

Ao finalizarmos esse texto acenamos para um convite à problematização filosófica-educacional, dos aspectos ontológicos que envolvem nossas práticas sociotécnicas.

Vimos que, para Ortega Y Gasset até metafisicamente há um que-fazer permanente, isto é, também ontologicamente o ser humano precisa se fazer ao ser lançado na vida, na existência, pois não coincidimos totalmente com a natureza. Assim, a vida torna-se um que-fazer, uma tarefa, um projeto, um inventar-se! E nesse projeto está a técnica, como autoprodução. Essa autopoiesis nos impinge a exercer a liberdade. A liberdade entra em ação pelo estranhamento que o homem tem para com a realidade exterior que lhe é diferente de seus anseios. O fato de a vida humana ser "quefazer" implica a reação do homem às condições que se lhe apresentam, enquanto escolhas constantes . Essas escolhas supõe como horizonte ético, os valores da vida, da criação, do novo, do inexistente. Somos assim, interpelados a colocarmos a questão da nossa participação na construção sociotécnica mais condizente com as demandas éticas, sociais e políticas emergentes.

Com quais desejos podemos reinventar o argumento da vida em nossas sociedades? Quais valores podemos enfatizar? Com quais instrumentos podemos contar ?

Referências.

CALLON, M.; LASCOUMES, P.; BARTHE, Y. Agir dans un monde incertain. Essai sur la démocratie technique. Paris: Seuil, 2001.

HARAWAY, Donna. Manifesto ciborgue. Ciência, tecnologia e feminismo –socialista no final do século XX. In. TADEU, Tomaz (org). Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano.2.ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009. p. 33-118.

HEIDEGGER, M. A questão da técnica. In: AUTOR. **Ensaios e conferências**. Petrópolis: Vozes, 2008.

LATOUR, B. **Ciência em ação**: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora. São Paulo: UNESP, 2000.

LAW, John. **Notas sobre a teoria do ator-rede**: ordenamento, estratégia e heterogeneidade. Disponível em: <www.necso.ufrj.br/Trads/NotassobreateoriaAtor-Rede.htm>. Acesso em: 10 jun. 2010.

ORTEGA Y GASSET, José. **Meditação sobre a técnica**. Rio de Janeiro, Instituto Liberal, 1991.